

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS**

**A RECEPÇÃO DA LITERATURA RUSSA NO BRASIL POR MEIO
DOS ENSAIOS DE OTTO MARIA CARPEAUX**

André da Silva Rosa Junior

**RIO DE JANEIRO
2020
ANDRÉ DA SILVA ROSA JUNIOR**

**A RECEPÇÃO DA LITERATURA RUSSA NO BRASIL POR MEIO DOS
ENSAIOS DE OTTO MARIA CARPEAUX**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Russo.

Orientadora: Profa. Dra. Sonia Branco Soares

RIO DE JANEIRO

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

DEDICATÓRIA

Aos meus pais André e Fabiana, trabalhadores incansáveis cujos suores e esforços se transformaram no estudo e na instrução que consegui receber;

Ao meu irmão William, companheiro de sempre e ouvinte atento das minhas descobertas;

Aos queridos amigos Jorge Albernaz e Ivan Alves Filho, mestres de todas as horas que me inspiraram o amor pelas letras;

À memória de João da Penha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, que sempre me apoiaram ao longo do curso;

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, minha segunda casa;

À professora Sonia Branco Soares, minha orientadora, pelas aulas de literatura russa, por todos os ensinamentos e pelo apoio na elaboração deste trabalho;

À professora Elitza Bachvarova, pelas aulas de literatura russa, pela dedicação e pela amizade de sempre;

Ao professor Diego Leite de Oliveira, pelas aulas de russo e pelos ensinamentos;

A Artur José Poerner, Francisco Pedro do Couto, Ivan Alves Filho e Ruy Castro, que muito me ajudaram nesta pesquisa;

Aos amigos Eder Corrêa e Felipe Lobo, leitores atentos deste trabalho;

E a todos que participaram direta ou indiretamente desta caminhada.

Há palavras com as quais é possível ver, palavras-olhos; e palavras-mãos, com as quais é possível fazer.

Khliébnikov

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a analisar a contribuição do crítico e ensaísta Otto Maria Carpeaux para a recepção da literatura russa no Brasil, tendo como recorte os seus artigos e ensaios publicados na imprensa brasileira a partir do início da década de 1940. Já em seus primeiros textos, Carpeaux demonstrou um intenso conhecimento acerca da literatura russa; apresentou aos leitores brasileiros inúmeros autores desconhecidos e, até então, inéditos. Não se limitou apenas aos clássicos dos séculos passados: seus ensaios trataram também da literatura contemporânea da época, a soviética, e foram fundamentais para atualizar os leitores brasileiros sobre as mais modernas discussões na Europa a respeito da literatura que se fazia na então URSS.

Palavras-chave: Literatura Russa; Literatura Soviética; Otto Maria Carpeaux.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 DE VIENA AO RIO: A TRAJETÓRIA DE CARPEAUX NO JORNALISMO BRASILEIRO	9
3 ENSAIOS DE LITERATURA RUSSA	11
4 TEMAS E PROBLEMAS DA LITERATURA SOVIÉTICA	15
REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia analisa a contribuição do crítico austro-brasileiro Otto Maria Carpeaux para a recepção da literatura russa no Brasil, tendo como recorte a sua obra ensaística publicada nos jornais e revistas brasileiros a partir de 1941. Tentaremos reconstituir, por meio das informações levantadas, em que medida seus textos colaboraram para 1) a recepção dos autores russos inéditos e 2) para a disseminação dos autores que já haviam sido publicados.

O tratamento dado por Carpeaux à literatura russa foi muito além dos ensaios publicados em jornais. Podemos citar ao menos duas empreitadas de fôlego em que o crítico se debruçou sobre este tema: a primeira, no início dos anos 60, quando organizou a *Antologia do conto russo*, uma coletânea publicada em nove volumes entre os anos de 1961 e 1962 pela Editora Lux Ltda, com uma lista de autores que iam desde Púchkin (1799-1837) a Vsiévolov Ivánov (1895-1963). A segunda, não especificamente sobre a literatura russa, foi a sua *História da literatura ocidental*, publicada em oito volumes entre 1959 e 1966, em que Carpeaux traça um panorama histórico da literatura russa que vai desde Vassili Trediakóvski (1703-1761) até os dissidentes Bródski (1940-1996) e Soljenitsin (1918-2008). Essas duas empreitadas, embora importantes, não serão diretamente contempladas neste estudo, que se deterá apenas aos ensaios publicados em jornais e revistas.

Foram consultados os textos de Otto Maria Carpeaux publicados nos periódicos Correio da Manhã, A Manhã, O Jornal, A Cigarra e O Cruzeiro, onde o crítico escrevia com regularidade, e também as publicações nas quais colaborou esporadicamente, como Revista Branca, Quixote, Revista Paralelos, Leitura e outras. O acesso a este acervo foi feito através da coleção digital de jornais e revistas da Biblioteca Nacional, disponibilizado *on-line* por meio da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Com todo esse *corpus* disperso, era preciso juntar as peças por meio de um trabalho que se dividia entre uma espécie de arqueologia literária, na consulta dos acervos antigos do jornalismo, e de investigação, que se deu na busca dos vestígios que o crítico deixou pelo caminho e que nos conduzem a perguntas que nem sempre têm resposta, como é o caso do paradeiro dos manuscritos que compõem a sua *História da literatura russa*, que chegou a ser anunciada em uma prestigiada coluna de novidades literárias, mas que não saiu.

Também é importante destacar que há um recorte de natureza temporal que delimita o período de interesse para este estudo. A maior parte dos seus ensaios de literatura foi publicada entre 1941 e 1964, de modo que esse intervalo concentra quase todo o nosso

material de análise.

Por fim, a transliteração dos nomes russos utilizada por Carpeaux em seus ensaios foi mantida nas citações, podendo variar entre si.

2 DE VIENA AO RIO: A TRAJETÓRIA DE CARPEAUX NO JORNALISMO BRASILEIRO:

Nascido Otto Karpfen, em Viena, no ano de 1900, Carpeaux estudou ciências exatas nas melhores universidades europeias. Conheceu figuras como Benedetto Croce e Franz Kafka e, ainda criança, assistiu a concertos regidos por Gustav Mahler, memórias que posteriormente seriam contadas aos amigos e leitores brasileiros. Em seu país, esteve em altos postos no governo, chegando a ocupar cargos no Ministério da Educação. Pouco antes de firmar contrato com o jornal vienense *Neue Freie Presse*, à época o maior da Europa Central, a Áustria foi anexada à Alemanha de Hitler, o que o obrigou, judeu, a ir embora de seu país de origem. Viveu por algum tempo na Antuérpia, ocasião em que colaborou com o jornal *Gaset van Antwerpen*, até então o maior periódico belga em língua holandesa. Em sua longa fuga, percorreu ainda países como a Suíça e a Itália, até que em meados de setembro de 1939, por intervenção do Papa Pio XII¹, partiu para o Brasil junto com a sua esposa Helena Silberherz, onde desenvolveria a maior e mais importante parte de sua obra.

Recém chegado ao Brasil, Carpeaux foi acolhido em uma comunidade de imigrantes germânicos em Rolândia, no interior do Paraná, quando seus instrumentos de trabalho não eram papel e caneta, mas uma enxada e outras ferramentas para o cultivo na terra. De lá, partiu para São Paulo, onde travou os seus primeiros contatos com o intelectual católico Alceu Amoroso Lima --- amizade que Carpeaux cultivou até o fim de seus dias e cuja importância expressou em seu último livro, *Alceu Amoroso Lima*, uma biografia intelectual do amigo. Aos quarenta e quatro anos, o crítico, que já dominava tantas outras línguas, não demorou a absorver o idioma de seu novo país, e dentro de pouco tempo estaria em posição de destaque como articulista na imprensa brasileira.

Estreou no jornalismo brasileiro em abril de 1941, com uma coluna dominical no *Correio da Manhã*, e o seu primeiro texto tratou do historiador suíço Jacob Burckhardt. De

¹ LINS, Álvaro. *Um novo companheiro*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, Abril de 1941.

início, escrevia seus artigos em francês, sempre à mão, que eram traduzidos por Niomar Moniz Sodré Bittencourt, então diretora e presidente do jornal, mas não tardou a adotar o português. Em agosto daquele mesmo ano, o crítico literário Ivan Lins escreveu para o Correio da Manhã um artigo chamado *Um novo companheiro*, que apresentava Carpeaux aos leitores brasileiros. O texto, em tom muito elogioso, o descrevia como uma figura “moralmente muito forte” e “intelectualmente muito poderosa”. A sua presença na vida cultural brasileira logo se fez notável, e, reconhecida a sua importância como crítico e historiador da literatura, tornou-se leitura obrigatória entre as figuras que compunham a *intelligentsia* brasileira. Além do Correio da Manhã, colaborou também em mais de uma dezena de outras publicações, algumas delas mantidas por nomes como Samuel Wainer, Ênio Silveira e Monteiro Lobato. Podemos citar, entre essas publicações, *O Jornal*, *A Manhã*, *Folha da Manhã* (hoje *Folha de S. Paulo*), *A Cigarra*, *A Semana*, *Revista do Brasil*, *Tribuna da Imprensa*, *O Cruzeiro*, *Revista do Livro*, *Revista Leitura*, *Revista Paralelos*, *Revista Brasileira de Poesia*, *Revista Província*, *Revista Fundamentos* e outros.

Fora do campo jornalístico, Carpeaux realizou outros trabalhos: em 1942, San Tiago Dantas, o então diretor da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, o convidou para ser diretor da biblioteca da faculdade, onde permaneceu até 1944. Depois, em 1944, dirigiu a biblioteca da Fundação Getúlio Vargas (FGV), onde trabalhou até 1949. Nos anos 60, foi responsável também, ao lado de Antônio Houaiss, pelos verbetes de humanidades das enciclopédias Barsa, Delta-Larousse e Mirador².

Conforme lembrou o crítico e historiador Alfredo Bosi, a fuga da Áustria poucos dias depois da Anexação (que se deu em 11 de março de 1938) e a chegada de Carpeaux ao Brasil no ano seguinte representam um divisor de águas na sua trajetória ideológica e também crítica: “Ele nunca se referiu ao que escrevera antes da partida, e, instado a manifestar-se, resumiu drasticamente a sua resposta: fora ‘um tempo superado’. Não por acaso, passou a assinar-se Otto Maria Carpeaux, abandonando o sobrenome Karpfen.”³

Carpeaux deixou para trás os seus sonhos de uma missão europeia da Áustria, conforme escreveu em sua obra de 1935, *Österreich Europäische Sendung* (A Missão Européia da Áustria), e adotou o Brasil como missão: primeiro, na modernização de nossa

2 CORTÊS, Norma. *Otto Maria Carpeaux (verbetes)*. Rio de Janeiro: CPDOC, (s/d). Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/carpeaux-otto-maria>>. Acesso em 25/03/2020.

3 BOSI, Alfredo. *Relendo Carpeaux*. Estud. av., São Paulo, v. 27, n. 78, p. 279-290, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000200018&lng=en&nrm=iso>. acesso em 10 Jan. 2020.

crítica literária; depois, na luta contra a ditadura militar.

Desse modo, podemos dividir a atuação de Otto Maria Carpeaux na imprensa brasileira em duas fases: a cultural, marcada principalmente pelos ensaios de crítica literária, e a política, marcada por uma intensa oposição à ditadura civil-militar que se instalou contra o Brasil em 1964.

A fase que nos interessa, nesta pesquisa, é a primeira, a do ensaísta, em cuja produção bibliográfica se encontram os textos dedicados à literatura russa e soviética.

3 Ensaios de literatura russa

A literatura russa foi um dos interesses principais na vida e na obra de Otto Maria Carpeaux, como pode-se constatar pela quantidade de ensaios e prefácios dedicados a seus autores, bem como o projeto anunciado, mas infelizmente não realizado, de uma história da literatura russa. Não era à toa: em entrevista ao jornal *Correio da Manhã*, Carpeaux fez uma lista dos dez autores que considerava maiores em toda a história da literatura, dos quais três eram russos: Dostoiévski, Gógol e Tolstói.⁴

Essa paixão cintila logo nos seus primeiros textos na imprensa brasileira, a começar por *Ensaio de interpretação dostojevskiana*, de julho de 1941. Neste texto, Carpeaux exalta Dostoiévski como o mais poderoso escritor de dois séculos, o XIX e o XX, por conta do marco que a sua obra constitui entre eles. Uma afirmação de peso, sem dúvida, e que nos ajuda a compreender o grande interesse do crítico pelos russos.

No jornalismo, escreveu sobre Tchékhov, Tolstói, Ivan Gontcharóv, Pilniak, Górkí e outros; colocou em circulação nomes até então absolutamente desconhecidos no país, tanto do período tsarista quanto soviético, como Serguei Aksákov, Vissarión Bielínski, Dmitri Merejkóvski, Iúri Kazakóv e Viatchesláv Ivánov. Alguns destes autores, mencionados seja em seus ensaios, seja em sua *História da literatura ocidental*, permanecem ainda hoje sem tradução no Brasil e desconhecidos de uma grande parte dos leitores brasileiros. Outros títulos, embora já publicados, nunca mais foram reeditados e por isso praticamente desapareceram.

4 CARPEAUX, Otto Maria. “Os dez maiores romances do mundo”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 mai. 1948.

A crítica, nessa ocasião, criou muitas pontes entre os escritores russos e os leitores brasileiros, dando às obras uma sustentação teórica e uma contextualização histórica que até então só eram acessíveis em língua estrangeira. Neste sentido, pode-se afirmar que Otto Maria Carpeaux, em especial, cumpriu um papel de destaque. Por ser estrangeiro e devido à sua formação de *scholar* europeu, ele teve acesso a todo um universo de autores russos estudados na Europa nas mais diversas línguas, leituras que acumulou e anotou ao longo de uma vida dedicada àquilo que a pedagoga russa Olga Freidenberg chamou de “tradição da erudição”⁵.

Com todo esse arcabouço, Carpeaux contribuiu para a circulação de nomes de autores russos totalmente inéditos no Brasil (alguns até hoje sem tradução) - descreveu-os quanto ao estilo, situou-os historicamente e os contextualizou dentro de sua importância para a literatura russa, de modo que foram abordados sob as mais diversas perspectivas, praxe de seu método, que, como observa Mauro de Souza Ventura, tem “o desejo de atingir a totalidade, seja de uma obra, seja de um autor”⁶. Esse esforço constituiu uma tentativa de parer as discussões literárias brasileiras com as do mundo, principalmente na crítica, e abrir o nosso mercado editorial para a recepção dos autores russos e soviéticos, vários deles já conhecidos na Europa e nos Estados Unidos. Há nessa investida, portanto, um caráter modernizador.

Como escreveu o crítico Wilson Martins, a história da crítica brasileira seria incompleta se não destacasse um lugar para os estrangeiros que nela exerceram e exercem influência predominante ou têm contribuído com estudos significativos, entre os quais incluiu Otto Maria Carpeaux. Diz Martins:

Os precursores mais longínquos de nossa crítica e de nossa história literária são estrangeiros: Bouterwek, Sismondi, Ferdinand Denis, Ferdinand Wolf, Castilho, Garrett. Outros, como Santiago Nunes Ribeiro, viveram e escreveram no Brasil, o que também acontece com Fidelino de Figueiredo, Manuel Anselmo, Otto Maria Carpeaux, Paulo Rónai, Roger Bastide, preparando espíritos, em certa medida, para a internacionalização metodológica dos últimos anos.⁷

Nesta mesma direção, o filósofo brasileiro João Cruz Costa, em seu estudo sobre a história das ideias no Brasil, aprofunda a questão e vai além. Para ele, a inteligência em nosso país formou-se pelo mesmo processo que plasmou o povo brasileiro, isto é, graças às contribuições estrangeiras, de modo que “escrever a história de suas ideias é, também, descrever as

5 MERQUIOR, J. G. *O Elixir do apocalipse*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, p. 116.

6 VENTURA, Mauro Souza. *De Karpfen a Carpeaux*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002. p. 136.

7 MARTINS, Wilson. *A Crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 41.

aventuras da imigração das ideias estrangeiras no Brasil”.⁸

Em meados da década de 40, uma boa quantidade de autores russos já circulava no Brasil com certo prestígio. É nesse período que o editor José Olympio, proprietário de uma das mais importantes casas publicadoras do país, dá início ao ambicioso projeto de traduzir e lançar as obras completas de Dostoiévski (que, muito embora se apresentasse nesses termos, não contemplava a totalidade dos escritos do autor). Essas edições eram ilustradas pelo artista carioca Oswaldo Goeldi, cujas xilogravuras até hoje acompanham as edições de Dostoiévski no Brasil, como pode-se constatar nas traduções publicadas pela Editora 34. As traduções da José Olympio, inicialmente indiretas, eram feitas por autores já consagrados, como Rachel de Queiróz e José Geraldo Vieira, e, posteriormente, por Boris Schnaiderman, já diretamente do idioma original. Eram acompanhadas de prefácios, alguns deles assinados por Carpeaux, como em *Humilhados e ofendidos* (1944) e *Os irmãos Karamázov* (1952).

Mais que editar os clássicos, era preciso atualizar o próprio catálogo de escritores russos, e isso implicaria na publicação dos autores soviéticos. Uma das dificuldades que se colocavam como empecilho a essa modernização era a questão política. Ao longo da ditadura estadonovista (1937 - 1945), os autores russos circulavam com dificuldades por conta do caráter anti-comunista do governo brasileiro. Autores comunistas eram censurados e agredidos a ponto de terem seus livros incendiados em praça pública, como aconteceu em novembro de 1937, na Bahia, quando o governo mandou queimar mil e oitocentas obras consideradas propagandísticas do “credo vermelho”.⁹ Para além da brutal perseguição do governo, havia ainda a auto-censura dos editores, que deixavam de publicar escritores soviéticos por medo de serem apontados como colaboradores do bolchevismo internacional.

Em um ensaio publicado no periódico carioca *O Jornal*, ao fim dos anos 40, Otto Maria Carpeaux expôs esse problema e se colocou em defesa do direito de circulação dos escritores comunistas. No texto, o crítico afirmou que, durante a guerra, as traduções de literatura soviética inundaram o mercado anglo-americano de livros, mas que depois essa onda cessou, e que os editores, grandes ou pequenos, por serem capitalistas, acreditavam que a publicação das obras soviéticas funcionaria como uma espécie de colaboração para a propagação do comunismo em países estrangeiros. Em sua defesa, Carpeaux apontou também

⁸ CRUZ COSTA, João. *Contribuição à História das ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 6.

⁹ ANDREUCCI, Alvaro Gonçalves Antunes. *O risco das ideias: Intelectuais e a polícia política (1930-45)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. p. 40.

a ineficácia do boicote às traduções:

No entanto, o boicote de traduções é, pelo menos em parte, contraproducente: pois, quando os russos, por sua vez, afirmam que sua literatura atual é a melhor do mundo, muito superior à grande literatura russa do século passado --- ficamos boquiabertos, incapazes de responder. Porque ignoramos os Gogols, Tolstois e Dostoiévskis de hoje. Na verdade, não sabemos nada.¹⁰

Tratava-se de um apelo ao bom senso: como seria possível contestar o argumento dos soviéticos, que afirmavam ter a melhor literatura do mundo, superior mesmo à própria grande literatura russa do século XIX, se não nos era possível conhecer efetivamente a nova literatura que se fazia na Rússia?

Para ilustrar a questão levantada por Otto Maria Carpeaux em seu ensaio *Em torno do romance soviético*, podemos recorrer à própria editora Livraria José Olympio: seu editor tinha ligações com Getúlio Vargas e o regime estadonovista instaurado ao longo dos anos 30 e 40¹¹. Muito embora a editora tenha cumprido um importante papel na publicação e divulgação de literatura russa no Brasil, com trabalhadas edições das obras de Dostoiévski, Tolstói, Gógol, Bierdiáev, não consta em seu catálogo qualquer registro de publicação de autores soviéticos¹².

É importante destacar um dado desse mesmo ensaio, *Em torno do romance soviético*, para ilustrar o que foi dito anteriormente sobre o elemento modernizador nos ensaios de Carpeaux. Nesse texto, o crítico se propunha resgatar o raciocínio daqueles que desconfiavam da qualidade dos autores comunistas em relação aos clássicos do século XIX, e com isso retomava o mesmo critério de comparação. Desse modo, ele apresentou ao leitor brasileiro o que chamou de o “Tchekov da atualidade russa”, uma autora chamada Vera Panôva, que havia recebido o Prêmio Stálin de 1947 com o romance de estreia *Companheiros de viagem*, que posteriormente ganharia notoriedade no Ocidente. O nome dessa autora ainda não constava em nenhum dicionário de literatura; era ignorada até mesmo pela *Soviet Literature To-Day*, de George Reavey, obra recente e bem atualizada na época¹³. No ensaio, Carpeaux conduz o leitor a uma breve apresentação biográfica e, posteriormente, resume o enredo, sem deixar de

10 CARPEAUX, Otto Maria. O Jornal, 25 de Setembro de 1949. Em torno do romance soviético.

11 PAIXÃO, F. José Olympio: um editor de risco. Estudos Avançados, v. 22, n. 64, p. 357-360, 1 dez. 2008.

12 BOTTMANN, D. Bibliografia Russa Traduzida no Brasil (1900-1950). RUS (São Paulo), v. 4, n. 4, p. 58-87, 22 dez. 2014.

13 CARPEAUX, Otto Maria. *Op. cit.*

pontuar o “fim tchekoviano” que fecha a narrativa.

O esforço do investigador austríaco buscava superar o atraso da crítica e do meio editorial brasileiro para com a literatura soviética. Tratava-se de um atraso em parte fabricado, fruto de longos períodos de uma política restritiva a qualquer literatura que pudesse soar como propaganda em favor dos países comunistas. Era necessário um longo trabalho para dissolver esses preconceitos ideológicos e colocar o Brasil *up-to-date* com as discussões literárias da Europa e das américas, sobretudo nos países de língua inglesa, conforme escreveu Carpeaux em um ensaio de dezembro de 1948, publicado em *O Jornal*, em que se lê:

A literatura russa atual não exerce no Ocidente aquela influência profunda que exercem entre nós os Gógol, Dostoievski, Tolstoi, Tchekov e Gorki. Não se trata, porém, dos efeitos de uma “cortina de ferro” às avessas. Publicou-se recentemente a relação das obras de literatura soviética traduzidas para o inglês durante os últimos anos: a relação ocupa 21 páginas; e não será sensivelmente menor o número das traduções para o francês, castelhano e italiano.¹⁴

4 TEMAS E PROBLEMAS DA LITERATURA SOVIÉTICA

Carpeaux, em seus ensaios de literatura russa, não se limitou somente à exposição de autores. Era preciso pensar os problemas da nova literatura russa, já soviética, e adentrar nas discussões que eram travadas nas publicações internacionais. Alguns dos temas e problemas da então literatura soviética foram observados por Carpeaux em ensaios como *Problemas da literatura soviética*, *Em torno do romance soviético*, *Poesia de Górkí*, *O passado de Pilniak*, *Inveja* (sobre o romance de Iuri Oliécha), *Efeitos de outubro*, *Novos narradores russos e 50 anos de literatura soviética*, que serão contemplados neste capítulo.

Mesmo na década de 60, após quase cinquenta anos da Revolução de 1917, sabíamos muito pouco sobre a literatura soviética. As nossas traduções, mesmo as indiretas, eram escassas. Segundo Carpeaux, em ensaio de 1963, a literatura soviética circulava com dificuldades mesmo em países como França, Alemanha e Estados Unidos, por conta dos critérios ideológicos adotados por seus editores, que rejeitavam a literatura da União Soviética por supostamente servir unicamente aos propósitos políticos e ideológicos do regime comunista. A exceção, como relata Carpeaux, foi a Itália pós-Mussolini, em cuja abertura

¹⁴ Id. O Jornal. 12 de Dezembro de 1948. Problemas da literatura soviética.

editorial o crítico pôde se apoiar para construir a sua biblioteca de autores soviéticos¹⁵.

O crítico chamou também a atenção para uma contradição sobre essas alegações: o Ocidente, que rejeitava uma literatura por supostamente não ter fins literários, mas políticos, insistia, ao mesmo tempo, em apreciar a literatura russa dissidente da época, principalmente como documento político para informar-se sobre a situação social na URSS, sobre a realização ou não do socialismo e sobre a resistência contra o regime comunista. Ou seja, “o Ocidente usa os mesmos critérios que está censurando na crítica russa, que não aprecia o valor ou não-valor literário, mas a atitude política do autor. É um círculo vicioso”.¹⁶ Para ilustrar esse caso, Carpeaux cita o romance *Um dia na vida de Ivan Denissovitch*, de Aleksánder Soljenítsin, sobre os campos de trabalhos forçados da época stalinista. Nesta obra, a temática política foi considerada mais importante que o seu valor literário¹⁷.

Em um ensaio de 1948, Carpeaux aborda outra questão levantada por alguns críticos ocidentais, que apontavam uma aparente decadência na literatura russa do século XX em relação ao século anterior. A crítica soviética, que admitia o fenômeno, atribuía o problema ao desaparecimento das classes (nobreza latifundiária, intelectuais burgueses) que produziram a literatura na Rússia até o advento da Revolução de 1917, ao passo que os trabalhadores ainda não teriam tido o tempo e a oportunidade para ir muito além do início de uma nova literatura orgânica, propriamente soviética. Carpeaux discorda desse argumento e afirma que proletários e filhos de proletários já faziam literatura na Rússia pré-soviética, e cita autores como Tchekhov, Sologub e Máksim Górkí: “Tchekov era descendente de servos; o importante romancista Sologub confessou-se filho de um alfaiate e de uma criada; antes de 1917, já foi a grande época do proletário Górkí”.¹⁸

Carpeaux atribui a uma transição entre classes o principal ponto de ruptura entre as literaturas soviética e pré-soviética, isto é, para o crítico, a diferença não estava tão fortemente marcada por uma linha do tempo que dividia os autores entre antes e depois de 1917, mas sim sobre *quem* escrevia; a literatura soviética surgia com uma classe que antes era muda, que até então mal tinha exercido atividades literárias, e que agora assumia o protagonismo de sua

15 *Id.* Correio da Manhã, 22 de Junho de 1963. *Novos narradores russos*.

16 *ibid.*

17 *ibid.*

18 *Id.* O Jornal. 12 de Dezembro de 1948. Problemas da literatura soviética

história e sua literatura¹⁹. Para Carpeaux, as raízes da literatura soviética eram anteriores a 1917: ela começa com Górkí, que mesmo antes da Revolução de Outubro já trazia em sua obra a expressão de uma nova classe e de um mundo novo, e contou também com outros escritores da era precedente, como Fiódor Sologub.

Havia uma incompreensão do que era a então literatura da URSS. Para Carpeaux, os críticos ocidentais se surpreendiam quando se deparavam com temas como a ineficiência romântica (*Inveja*, de Iuri Oliécha) ou a religião (*A pecadora*, de Ievdokímov) ou o ceticismo (*Colegas*, de Aksiónov), como se os russos de então não fossem criaturas humanas, mas uma espécie diferente.²⁰ Buscava-se na literatura soviética os temas tidos como autenticamente russos, comuns aos clássicos do século XIX, como as discussões filosóficas, o folclore, a prostração religiosa e a violência revolucionária, ou os excessos. Esses temas não haviam desaparecido do horizonte da literatura russo-soviética. Como observa Carpeaux, ainda era possível que se ouvisse a voz da “Rússia autêntica” nas obras do contista Iúri Kazakóv:

A Rússia de Kazakov nos é familiar: é o país das pequenas cidades de província em que nada mudou, o país das florestas, rios e lagos silenciosos, uma Rússia atemporal como ela foi antes da revolução, ou mais exato: como se não tivesse havido revolução. É a Rússia de Korolenko, de Prichvin. Não sabíamos que ela ainda existe.²¹

Há de se observar que, mesmo que exista pontos de semelhança entre os temas do século XIX e os do XX, em sentido sociológico as gerações do século XIX e o seu modo de vida se encontravam extintos, bem como as classes dos autores que escreveram neste período. Tratava-se, como afirmava Carpeaux, de duas literaturas, escritas por duas classes tão distintas como são, em outras partes do mundo, as nações²² A classe dos que escrevem na era soviética era inteiramente nova, e o seu modo de vida também.

Em sua contribuição para este debate, Carpeaux se esforçou para mostrar ao leitor brasileiro que a literatura soviética não era feita simplesmente de panfletagem política ao gosto de Jdánov²³. Pelo contrário, que era rica em sua diversidade e nem um pouco monótona, como

19 *Id.* Última Hora, 25 de Junho de 1963. *Opinião de Carpeaux.*

20 *Id.* Correio da Manhã, 22 de Junho de 1963. *Novos narradores russos.*

21 *ibid.*

22 *Id.* Jornal do Brasil, 18 de Novembro de 1967. *50 anos de literatura soviética.*

23 Andrei Jdánov, correligionário de Joseph Stálin responsável por definir os limites aceitáveis da produção cultural soviética na década de 40.

acusavam os críticos ocidentais, que alimentavam preconceitos movidos por motivos ideológicos. Como observa Carpeaux, “seria difícil encontrar, em outra parte, na mesma literatura e com poucos anos de distância, escritores de estilo e problemática tão diferentes como Gladkov e Keverin, Neverov e Fadaiev, Kataiev e Begrizki, Kusnetzov e Moskovkin”.²⁴ A crítica que chegava até nós, por meio das publicações estrangeiras, muitas das vezes trazia consigo esse tipo de distorção a respeito da literatura russa, que era facilmente propagável em um terreno fértil como o do Brasil de então: além de nossa instabilidade política em diversos momentos do século XX, sempre com ditaduras de orientação anti-comunista e anti-soviética, o desconhecimento das obras soviéticas, que não eram editadas em nosso país, alimentava os mitos em torno da jovem literatura daquele país. Nesse caso, como recomendou Carpeaux no ensaio *Novos narradores russos*, deveríamos ouvir menos os críticos e ler mais as obras.

Essa lacuna de livros não publicados, marcada por nosso atraso editorial, não se limita à literatura soviética e aos autores russos do século XX de modo geral. Algumas obras fundamentais do século anterior permanecem ainda hoje sem tradução no Brasil e, portanto, desconhecidas da maior parte de nosso público leitor. Esse era o caso da novela *Diário de um homem supérfluo*, de Ivan Turguêniev, traduzida no Brasil apenas em 2018. Trata-se de uma obra que inspirou um conceito muito caro à crítica literária russa. Publicado em 1850, esse romance marca a criação de um importante tipo literário russo, os “homens supérfluos”, como anuncia o título, ou “homens inúteis”, como chama Carpeaux em alguns ensaios²⁵, que os definia como “expressão clássica desse sentimento da própria inutilidade, sentimento masoquista, bem eslavo, algo místico”²⁶. Essa novela deu forma ao “homem supérfluo”, uma representação tipificada dos jovens da nobreza russa e os seus tipos indolentes e preguiçosos; uma geração excluída de participação no Estado russo, que continuou aparecendo em obras posteriores, como as de Boris Záitsev e Ivan Gontcharóv (“descendentes de Turguêniev”, segundo Carpeaux²⁷).

Este atraso nos dá alguma dimensão de nossa defasagem editorial em relação à literatura dos russos. Para Carpeaux, o homem supérfluo, cuja obra-fundadora permanecia inédita, era “o

24 CARPEAUX, Otto Maria. *Op. cit.*

25 Há uma variação de nomenclatura para a figura do *litchnii tchlovek* (лишний человек) nos ensaios de Carpeaux, que ora aparecem como “homem supérfluo” e ora como “homens inúteis”.

26 *Id.* História da Literatura Ocidental. p. 2008.

27 *Id.* História da Literatura Ocidental. p. 2017.

personagem principal de toda a literatura russa do século XIX e uma chave para a compreensão do que chamou de “o problema da literatura soviética”, que consistia na superação do homem supérfluo, com seu caráter individualista, em prol de um tipo heroico para o socialismo:

Essa surpreendente volta ao individualismo literário tem motivo profundo: a necessidade - que é o próprio problema da literatura soviética - de transformar o "homem supérfluo", personagem principal de toda a literatura russa do século XX, em "herói do socialismo", o novo homem do novo mundo.²⁸

Como poderíamos chegar ao segundo personagem, herói dos tempos soviéticos, se o primeiro, dos tempos tsaristas, ainda nos era desconhecido, no Brasil?

O “novo homem do novo mundo”, na expressão de Carpeaux, foi tema de Libedínski em *O nascimento de um herói* e de Nikolái Ostróvski em *Como se tempera o aço*, e representou um esforço genuíno para a construção de uma literatura que acompanhasse os novos ares da revolução. Para Carpeaux, o lirismo já havia deixado o romance realista antes mesmo de 1917, passando a alimentar a então poesia russa moderna, de natureza revolucionária, produzindo os novos estilos modernistas:

Imediatamente depois da revolução de 1917, os primeiros romancistas soviéticos serviram-se desses estilos modernistas para criarem obras de energia intensa, algo caóticas, cujo personagem principal era a própria massa: *O ano nú*, de Pilniak, e *O rio de aço*, de Serafimovitch, são os romances mais característicos desse estilo, tão revolucionário na forma como no conteúdo.²⁹

Mas ainda havia contradições orgânicas na gênese do chamado “realismo socialista”. Carpeaux observou que a definição deste novo subgênero não era inequívoca, de modo que as discussões a seu respeito continuavam a suscitar paradoxos - que, em muitos casos, iam dos debates literários até a censura: primeiro, as obras eram apreciadas como realização definitiva do realismo socialista, para ser, pouco depois, censuradas como “ideologicamente ambíguas” ou então como “insuficientemente realistas”. Para ilustrar o problema, Carpeaux recorre aos críticos Golovachenko, Joganson e Gurstein, que apontavam uma divergência entre os termos “realismo” e “socialista”.

Os críticos mais acreditados, Golovachenko, Joganson, Gurstein, admitem essa

28 *Id.* O Jornal. 12 de Dezembro de 1948. Problemas da literatura soviética.

29 *Ibid.*

dificuldade, procurando resolvê-la pela dialética: um realismo estático, simples imitação da realidade, ainda não seria socialista, porque o socialismo ainda não é realidade; se já fosse, por que seriam necessárias a "transformação ideológica" e a "educação dos trabalhadores"?³⁰

Em seu balanço dos cinquenta anos de literatura soviética, Carpeaux afirmou que o que chamavam de realismo socialista já estava totalmente superado. Em sua forma original, em Górkki, esse estilo literário havia sido uma forma motriz e, ao mesmo tempo, produto de uma grande libertação. A mesma libertação que havia na poesia contemporânea (à época) de um Ievtuchenko e um Voznessenski, escritores que não comemoravam negativamente o cinquentenário da Revolução - e da literatura soviética -, mas que se esforçavam para fazer superar o tempo decorrido, voltando à atmosfera de 1917, quando a literatura russa e seus manifestos sacudiam o mundo com a promessa de liberdade e, sobretudo, com a esperança. Como escreveu Carpeaux, “são, esses poetas e romancistas, homens *à la recherche du temps perdu* para reconquistar o senso de futuro.”³¹

Em tudo o que pôde ler, Carpeaux concluiu que a história da literatura soviética, como a do país que a criou, era história de uma esperança. E não podemos viver sem a esperança.

REFERÊNCIAS

ANDREUCCI, Alvaro Gonçalves Antunes. O risco das ideias: Intelectuais e a polícia política (1930-45). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

BOSI, Alfredo. Três leituras: Machado, Drummond, Carpeaux. São Paulo: Editora 34, 2017.

BOTTMANN, D. Bibliografia Russa Traduzida no Brasil (1900-1950). RUS, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 58-87, 22 dez. 2014.

CARPEAUX, Otto Maria. História da literatura ocidental. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959-1966.

_____ *Ensaio Reunidos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

_____ “Explicação de um poema russo”. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 25 jan. 1942.

_____ “O velho Tolstoi”. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 10 mai. 1942.

30 *Ibid.*

31 Jornal do Brasil, 18 de Novembro de 1967. *50 anos de literatura soviética*.

_____ “Segredos de biblioteca”. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 24 set. 1955.

_____ “Um acontecimento literário russo”. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 15 abr. 1960.

_____ “Uma arte folclórica”. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 03 fev. 1962.

_____ “Zhivago Revisited”. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 02 mar. 1963.

_____ “Novos narradores russos”. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 22 jun. 1963.

_____ “O outro Dostoievski”. O Jornal. Rio de Janeiro, 16 jan. 1944.

_____ “O passado de Pilniak”. O Jornal. Rio de Janeiro, 11 fev. 1944.

_____ “Estilos do romance russo”. O Jornal. Rio de Janeiro, 15 mar. 1944.

_____ “O ponto de vista de Gogol”. O Jornal. Rio de Janeiro, 09 abr. 1944.

_____ “Sátira Russa”. O Jornal. Rio de Janeiro, 28 mai. 1944.

_____ “O Drama da Revolução”. O Jornal. Rio de Janeiro, 15 ago. 1948.

_____ “Problemas da literatura soviética”. O Jornal. Rio de Janeiro, 12 dez. 1948.

_____ “Em torno do romance soviético”. O Jornal. Rio de Janeiro, 25 set. 1949.

_____ “Tchekov e a vida”. O Jornal. Rio de Janeiro, 13 jan. 1952.

_____ “Para compreender Tolstoi e outros”. O Jornal. Rio de Janeiro, 18 mai. 1952.

_____ “Um escritor revolucionário”. O Jornal. Rio de Janeiro, 23 nov. 1952.

_____ “Inveja”. O Jornal. Rio de Janeiro, 03 out. 1954.

_____ “Literatura russa”. O Jornal. Rio de Janeiro, 20 mar. 1955.

_____ “Panorama de 20 anos”. O Jornal. Rio de Janeiro, 03 abr. 1955.

_____ “Iconoclastas”. O Jornal. Rio de Janeiro, 05 fev. 1956.

_____ “Poesia de Górkí”. O Jornal. Rio de Janeiro, 11 mar. 1956.

_____ “Uma epopéia russa”. O Jornal. Rio de Janeiro, 28 out. 1956.

_____ “Os estilos do romance russo - 1918 e 1925”. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 25 mar. 1944.

_____ “A desgraça de ter razão”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 16 jan. 1955.

_____ “50 anos de literatura soviética”. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 18 nov. 1967.

_____ “Efeitos de outubro”. *Leitura*. Rio de Janeiro, nov. 1966.

CORTÊS, Norma. *Otto Maria Carpeaux* (verbetes). Rio de Janeiro: CPDOC, (s/d).

CRUZ COSTA, João. *Contribuição à História das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LINS, Álvaro. “Um novo companheiro”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 19 ago. 1941.

MARTINS, Wilson. *A Crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MERQUIOR, José Guilherme. *O Elixir do apocalipse*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1983.

PAIXÃO, F. José Olympio: um editor de risco. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 22, n. 64, p. 357-360, 1 dez. 2008.

VENTURA, Mauro Souza. *De Karpfen a Carpeaux*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.